

## **A ressurreição de Jesus na atualidade: Uma reflexão a partir de J. I. González Faus\***

**The resurrection of Jesus in present:  
A reflection from J. I. González Faus**

***Elias Fernandes Pinto\*\****

### **Resumo**

Este artigo apresenta uma possibilidade de falar da ressurreição de Jesus numa linguagem compreensível para o homem atual a partir do pensamento de J. I. González Faus. A fé e a pregação dos apóstolos nos mostram a unidade entre vida, morte e ressurreição de Jesus. Ressurreição significa uma nova vida entendida como original. É a entrada no mistério de Deus e o sim irrevogável de Deus à vida e à pretensão de Jesus, ou seja, a realização do Reino anunciado por Ele. A ressurreição é também a realização do homem que Jesus anunciou chamado à comunhão com Deus. Por fim, refletimos sobre o nosso acesso à fé na ressurreição. Essa por ser irrupção do escatológico só pode ser crida. Na perspectiva do NT o ressuscitado se dá a conhecer e temos o testemunho dos primeiros

---

\* Artigo enviado em 28/08/2018 e aceito para publicação em 07/12/2018.

\*\* Licenciado em Filosofia pelo Seminário Diocesano Nossa Senhora do Rosário, Bacharel em Teologia pelo Seminário Diocesano Nossa Senhora do Rosário e PUC-Rio. Mestrando Teologia Sistemática pela FAJE, bolsista FAPEMIG.

discípulos que é para nós um convite dentro do princípio-esperança para a vida em Deus constitutivo do ser humano.

**Palavras-chave:** Ressurreição de Jesus; Modernidade; Teologia contemporânea; González Faus.

## **Abstract**

This article presents a possibility to speak of the resurrection of Jesus in a language comprehensible to the present man from the thought of J. I. González Faus. The faith and preaching of the apostles show us the unity between the life, death and resurrection of Jesus. Resurrection means a new life understood as original. It is the entrance into the mystery of God and the irrevocable yes of God to the life and pretension of Jesus, that is, the realization of the Kingdom announced by Him. The resurrection is also the fulfillment of the man Jesus announced called to communion with God. Finally, we reflect on our access to faith in the resurrection. This for being the irruption of the eschatological can only be believed. From the perspective of the NT, the resurrected makes himself known and we have the testimony of the first disciples which is for us an invitation within the hope-principle for the life in God that is constitutive of the human being.

**Keywords:** Resurrection of Jesus; Modernity; Contemporary Theology; González Faus.

## **Introdução**

O presente artigo tem o objetivo de apresentar uma forma para se falar da ressurreição de Jesus na atualidade tendo como fundamento teórico o teólogo J. I. González Faus em duas obras específicas: *La humanidad nueva: ensayo de cristología* e *Acesso a Jesus: ensaio de teologia narrativa*. Iniciamos o percurso com uma breve exposição sobre a fé na ressurreição em confronto com a modernidade. Nesse período, a fé na ressurreição foi profundamente questionada pela mentalidade científica. Em seguida, para falar sobre a ressurreição de Jesus, discorreremos sobre a fé dos discípulos e o conteúdo da fé na ressurreição. A experiência pascal dos primeiros discípulos é determinante e fundamental para a vida e a missão deles. A ressurreição é o início de uma nova vida original e o sim de Deus

à causa de Jesus. É a entrada do homem no mistério de Deus. Por isso, é a irrupção do escatológico na história. Diante disso, apresenta-se a questão de como se dá o nosso acesso à fé na ressurreição de Jesus. Esta por não ser um fato histórico exige o esquema aparição-testemunho.

## **1. A fé na ressurreição em encontro com a modernidade**

A modernidade fez com que surgisse um novo olhar sobre Jesus e um novo interesse sobre sua existência histórica. A mudança virá da emancipação da razão filosófica, da secularização da ciência teológica nas universidades, da vasta revolução cultural: ideia diferente da verdade, modo de pensar, nova atitude quanto ao conhecimento, à transmissão do saber, nova concepção sobre o homem e a história e o surgimento de novas ciências e de novos métodos científicos. A cristologia, diferente dos tratados do Verbo encarnado, que acentuavam a encarnação, partirá da história de Jesus de Nazaré<sup>1</sup>. A nova Cristologia procura se construir no eixo do acontecimento pascal, que é o eixo, ao mesmo tempo, da narrativa evangélica e da pregação apostólica<sup>2</sup>. Surge a nova problemática: reconhecer que o Cristo da fé e da pregação da Igreja é o mesmo Jesus das narrativas evangélicas. Voltam-se os olhares para a ressurreição de Jesus, a qual é central para a fé cristã.

Nos séculos XVII e XVIII a ressurreição de Jesus foi questionada por um racionalismo para o qual toda ideia de milagre era essencialmente suspeita. No século XIX, as dúvidas trazidas pelo Iluminismo foram expressas de forma culminante nas investigações sobre a vida de Jesus, que tentaram compreender a Ressurreição de Jesus como um simples mito revelador da religião da humanidade. Este era compreendido como algo não histórico e irreal. O principal expoente desse pensamento é D. F. Strauss. E também na perspectiva de E. Renan, na qual a ressurreição de Jesus seria simplesmente fruto de uma alucinação dos discípulos de Jesus<sup>3</sup>.

Diante destas contestações e questionamentos, a teologia católica se posicionou privilegiando um tratamento exclusivamente apologético da ressurreição. A Neoescolástica adotou durante a segunda metade do século XIX o status da ressurreição como uma prova histórica por excelência da divindade de Jesus fundada com argumentos históricos redacionais supostamente válidos fora de toda suposição crente; tais argumentos não levam em consideração a transcendência do corpo do ressuscitado em relação à ordem empírica dos fenômenos. Ao mesmo tempo, o tema da ressurreição é esquecido do campo da teologia dogmática: a soteriologia é reduzida à reflexão sobre o sentido da paixão e da cruz<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 2008, p. 191-192.

<sup>2</sup> MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. p. 2008, p. 193.

<sup>3</sup> DUQUOC, Christian. Ressurreição de Cristo. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004, p. 1526.

<sup>4</sup> DUQUOC, Christian. Ressurreição de Cristo. p. 1526.

No século XX a ressurreição de Jesus retoma seu lugar central na exposição ordenada do mistério cristão e é restituída ao centro da soteriologia. Nas últimas décadas, o interesse dogmático e a preocupação crítica deram origem a interpretações muito diversificadas sobre a ressurreição. Surgem duas linhas de interpretação às quais podem ser entendidas como minimizante e maximizante.

Na linha minimizante, a qual já era a de Schleiermacher, a crença na ressurreição é segunda em relação ao dado primeiro, Deus agindo em Jesus. Algumas leituras reduziram a ressurreição de Jesus ao sentido salvífico da Cruz tal como percebido pela fé: o Jesus ressuscitado no Querigma segundo Bultmann, ou ser apenas a energia presente na fé de Pedro a qual dá continuidade ao evento Jesus Cristo de acordo com W. Marxen, ou ser somente a imagem do ato vivificante do Espírito, consoante J. Pohier.

Na linha maximalista destacamos a ressurreição como expressão do ato salvífico de Deus para a humanidade segundo a teologia de Barth, ou uma antecipação escatológica inscrita na história do mundo radicalmente que chega a ser um objeto possível de toda pesquisa histórica, conforme Pannenberg<sup>5</sup>.

Para Joseph Moingt, sob o impulso da crítica histórica, a Teologia Liberal<sup>6</sup> fez uma leitura cientificista do NT e contestou os testemunhos da ressurreição.. A teologia dialética critica a teologia liberal colocando ênfase na fé na ressurreição fundamentando-a na Palavra de Deus. Em particular, para Bultmann a ressurreição nada mais é que o sentido da cruz. Já para Pannenberg a ressurreição deve ser considerada um acontecimento histórico, pois é ação de Deus em Jesus. Jürgen Moltmann preconiza um caminho intermediário. Para ele, a ressurreição pertence à história deste mundo, pois ela vem salvá-la, praticando nela uma abertura, mas não lhe pertence, pois não é alcançada pelas evidências mundanas<sup>7</sup>.

Diante de todas essas visões, um ponto deve ser constatado: um justo acesso escatológico à ressurreição de Jesus supõe ultrapassar toda disjunção entre seu fato e sentido. Nessa perspectiva situamos o pensamento de J. I. González Faus, o qual vê a ressurreição como um acontecimento único, definitivo e singular que possui em si mesmo seu significado<sup>8</sup>.

---

<sup>5</sup> DUQUOC, Christian. Ressurreição de Cristo. p. 1527.

<sup>6</sup> O termo *liberale theologie* tenciona a indicar um livre método de investigação histórico crítico das fontes da fé e da teologia não vinculados à tradição dogmática. Essa corrente de pensamento nasce do encontro com o liberalismo (GIBELLINI, 2012, p. 19.).

<sup>7</sup> MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 2008, p. 297-303.

<sup>8</sup> GONZALEZ FAUS, José Ignacio. *La humanidad nueva: ensayo de cristologia*. 7.ed. Guevara: Sal Terrae, 1984, p. 146.

## 2. A ressurreição de Jesus na atualidade: Uma reflexão a partir de J. I. González Faus

Para falar da ressurreição de Jesus, J. I. González Faus parte da constatação de que hoje é necessário buscar uma fé que seja ao mesmo tempo adulta e responsável. É tremendamente difícil crer na ressurreição. A crítica histórica nos diz que as narrativas evangélicas são inarmonizáveis.

Segundo González Faus, através da morte, a ressurreição conecta estreitamente com a vida histórica de Jesus. Devido a isso, a primeira pregação renuncia a anunciar toda a vida de Jesus para anunciar exclusivamente sua morte e ressurreição. As primeiras testemunhas procedem assim porque a ressurreição é a decisão definitiva sobre a vida, a missão e a pretensão de Jesus. Somente a ressurreição elimina a ambiguidade da vida de Jesus, a saber: os milagres realizados por ele podiam sinalizar um tempo de salvação, mas não podiam mostrar inequivocadamente que na pessoa de Jesus acontece de maneira definitiva a salvação de Deus. A ressurreição é a realização do homem utópico que Jesus proclama, é a chegada irrevogável do Reino que Ele anunciou. É o sim de Deus à pretensão de Jesus, convertendo-o em homem *teleios* (cf. Hb 5,9) e em Adão definitivo<sup>9</sup>.

### 2.1 A fé dos apóstolos

Para se chegar à fé dos apóstolos partimos do impacto causado pela morte de Jesus. Segundo González Faus, a vida de Jesus foi uma grande pergunta, a qual os discípulos aos poucos foram respondendo. Com sua morte de cruz irrompe de repente uma resposta taxativa: a desautorização de Deus àquela vida. Jesus não teve uma morte de mártir, mas de um condenado. Diante desse acontecimento a causa de Jesus não podia continuar, uma vez que ele anunciou as ideias do Reino ligadas à sua pessoa. Sem Jesus sua causa seria falsificada, convertida numa nova filosofia ou num novo ensinamento moral.

Parece ser um fato a dispersão dos discípulos e o regresso à Galileia significando fracasso e abandono da missão. Mas, pouco tempo depois os discípulos estão em Jerusalém pregando, não exatamente a doutrina de Jesus, mas o que "*lhes tinha acontecido*"<sup>10</sup> na Galileia. Se fosse uma simples conversão, estariam anunciando a doutrina de Jesus, os seus milagres, o valor de seus ensinamentos, mesmo com sua morte<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> GONZALEZ FAUS, José Ignacio. *La humanidad nueva: ensayo de cristología*. 7.ed. Guevara: Sal Terrae, 1984, p. 137.

<sup>10</sup> Nesse acontecimento se apoia o cristianismo, mesmo sem sabermos o que realmente aconteceu.

<sup>11</sup> GONZALEZ FAUS, José Ignacio. *Acesso a Jesus: ensaio de teologia narrativa*. São Paulo, Edições Loyola: 1981, p. 98-100.

Os apóstolos, ao retornarem para Jerusalém, encontraram rumores ou tradições do sepulcro vazio. A crítica histórica nos diz que fatos pascais e sepulcro vazio são tradições independentes. A primeira, ligada aos apóstolos, e a segunda, de origem jerosolimitana, vinculada às mulheres que vão ao túmulo de Jesus. Com relação ao túmulo vazio, não há consenso entre os exegetas. Há argumentos contra e a favor. Por uma questão metodológica não vamos nos ater a esses argumentos, mas focar na verdadeira questão sobre o sepulcro vazio.

Para González Faus, o decisivo sobre a questão do sepulcro vazio não é a conclusão sobre o que podemos chegar sobre a historicidade da ressurreição, mas outra questão: estamos tão certos de que a ressurreição de Jesus, tal como deve ser entendida no Novo Testamento, implica necessariamente a realidade do túmulo vazio como implicava a ressurreição de Lázaro? Ou será que não falsificamos a ressurreição de Jesus respondendo afirmativamente? Até que ponto a analogia que Paulo utiliza, da semente que apodrece na terra para “ressuscitar” nesta novidade que é a planta, não permitiria outro tipo de resposta à questão<sup>12</sup>?

Voltando à Jerusalém, a pregação dos apóstolos consiste basicamente em: aquele que vós matastes, Deus o ressuscitou e nós somos testemunha. Para Rahner a experiência original do apóstolos é que Jesus vive. Não é uma visão subjetiva ou mística<sup>13</sup>. Segundo González Faus, poucos anos depois da pregação dos apóstolos já se havia elaborado um credo oficial, referente à ressurreição de Jesus, o qual, para muitos, é o primeiro credo cristão. Este se localiza em 1Cor 15 a partir do versículo 3. Localizar seu final na sequência do texto é uma tarefa difícil, pois Paulo o entreteceu com expressões próprias.

O credo interpreta a morte de Jesus teologicamente, segundo as Escrituras e por nossos pecados. A menção da sepultura como prova da realidade da morte ou, em sentido tecnológico, o último passo da solidariedade de Deus descendo à profundidade da morte. Afirma que Jesus *foi ressuscitado* ou está ressuscitado e não que ressuscitou por si mesmo. A afirmação de que Jesus apareceu é a afirmação mais importante. É uma expressão própria dos autores do AT para expressar que Deus se manifesta a si mesmo por iniciativa própria, e não por iniciativa do ouvinte. Uma melhor tradução seria: Jesus foi dado a ver a Pedro ou Impôs-se a Pedro. Por fim, faz um listagem das testemunhas. É importante ressaltar que aqueles homens estavam realmente convencidos da ressurreição de Jesus. Essa explica “o que lhes aconteceu” na Galileia. Essa convicção tem para eles caráter constitutivo ou fundador de sua nova forma de existência. A ressurreição não é um acidente, mais um dogma ou um *happy end*, mas é todo o cristianismo. Crer em Jesus sem crer na ressurreição não é ser cristão<sup>14</sup>.

---

<sup>12</sup> GONZALEZ FAUS, José Ignacio. *Acesso a Jesus: ensaio de teologia narrativa*. p. 104-105.

<sup>13</sup> RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. 4.ed. São Paulo, Paulus, 2008, p. 327.

<sup>14</sup> GONZALEZ FAUS, José Ignacio. *Acesso a Jesus: ensaio de teologia narrativa*. p. 105-109.

Outros testemunhos importantes sobre a ressurreição, surgem mais tarde com os Evangelhos. São as narrativas de aparições, embora sem possibilidade de harmonização, se podem encontrar nelas três características semelhantes, segundo X. Léon Dufour: a) Iniciativa – o ressuscitado é desconhecido ou não cognoscível. Chega a ser reconhecido a partir de uma decisão de se manifestar. Toda iniciativa é de Jesus: fazer-se presente e se dar-se a conhecer. Não tem analogia com visões, sejam objetivas, nas quais o objeto só precisa estar presente, sem nenhuma iniciativa ulterior para ser visto, nem com as subjetivas, onde a iniciativa pode estar no subconsciente do sujeito. b) Reconhecimento – apesar de toda transformação que o torna incognoscível a não ser que se comunique, há uma continuidade tal que obriga a dizer: é aquele mesmo. É ele mesmo, embora não fosse o mesmo. c) Missão – o que fundamenta a missão é o conteúdo da aparição. É uma experiência que precisa ser comunicada. A missão cristã se fundamenta nas experiências pascais<sup>15</sup>.

## 2.2 O conteúdo da fé na ressurreição: a irrupção do escatológico

A pregação aponta para o fato de que o ressuscitado é o mesmo Jesus que viveu na Galileia e em Jerusalém. Mas seu interesse principal é no Jesus ressuscitado. O Novo Testamento fala sempre de morte e ressurreição de Jesus unitariamente. Morte e ressurreição não são movimentos contrários, mas dois polos que definem um mesmo movimento. A ressurreição é a confirmação da vida de Jesus porque é o significado de sua morte. É evidente que com isso se muda o sentido de ambas.

Várias palavras foram usadas para expressar o conteúdo da experiência pascal. O que hoje chamamos de ressurreição já foi chamado de consumação, *teleiosis* de Jesus, sentar à direita do Pai, exaltação, triunfo de Jesus e outros. Tudo isso mostra o caráter análogo da palavra ressurreição. Essa não significa imortalidade da alma, segundo a cultura grega, nem um milagre ou um final feliz da vida de Jesus. O NT fala da ressurreição não como um fato óbvio, mas como um acontecimento inaudito e definitivo. A ressurreição é nova criação, nova vida, feita por Deus a partir do princípio da morte e superando a morte, ou na fórmula paulina: vestir-se de incorruptibilidade o corruptível (1Cor 15,53)<sup>16</sup>.

González Faus defende a tese de que a ressurreição não possui paralelo com nenhum outro evento do mundo e da história. Nesse sentido, não é intramundana e intra-histórica. Mas, enquanto afeta alguém de nosso mundo e de nossa história, está relacionada com ela. Nesse sentido, pode-se chamá-la, impropriamente, de mundana e histórica. A ressurreição fala primeiramente de um passo da morte para a vida. Mas se trata de uma vida original. Os Evangelhos não narram a ressurreição por ela não ser um fato

---

<sup>15</sup> GONZALEZ FAUS, José Ignacio. *Acesso a Jesus: ensaio de teologia narrativa*. p. 109-110.

<sup>16</sup> GONZALEZ FAUS, José Ignacio. *La humanidad nueva: ensayo de cristologia*. p. 138-139.

histórico. Esta não pode ser conhecida mais que pela manifestação do ressuscitado<sup>17</sup>.

A palavra ressurreição expressa o que a teologia clássica chama de elevação do homem ao sobrenatural. É qualitativamente distinta de todos os milagres que há e pode haver na história, inclusive o da volta de um morto a esta vida. [...] [A ressurreição] é a entrada na dimensão de Deus, é um fato que só pode ser efetuado por Deus mesmo. É um fato exclusivamente divino como a criação.<sup>18</sup>

Nesse sentido, Karl Rahner também afirma que a vitória de Jesus sobre a morte significa a salvação definitiva perante Deus da existência humana concreta, a qual é operada por Deus. Significa a permanente realidade real da história humana que nem se prolonga no vazio nem perece<sup>19</sup>. O ressuscitado entra em uma nova dimensão a qual não é deste tempo e espaço. "A ressurreição não é um evento a mais, ajustável junto aos demais da vida de Jesus ou da história em geral, sobre o qual a história pode investigar e talvez declarar seu grau de constatação ou a certeza de sua realidade ou irrealdade<sup>20</sup>." Para González Faus, ao se submeter a ressurreição ao esquema histórico, como muitos autores fizeram no século XIX, apenas se chega à questões abertas e a diversas hipóteses, como: fraude, visão imaginativa, experiência subjetiva, contágio, entusiasmo da comunidade e outros, as quais destroem umas às outras.

Para falar dessa nova dimensão, Paulo usa a categoria corpo espiritual. No corpo está a ideia da pessoa como possibilidade de comunicação e no espírito está a ideia de Deus enquanto é comunicação. A existência do ressuscitado é uma existência em que o pessoal e o comunitário, o subjetivo e o natural, coincidem: por isso é existência divina.

A ressurreição de Jesus inclui também a nossa ressurreição. Por isso, os apóstolos pensaram na proximidade do fim do mundo. Neste princípio, está o caráter missionário das aparições. É um acontecimento tão maravilhoso que precisa ser comunicado. Isso significa que a ressurreição é uma novidade total e não há outra possível. Os teólogos costumam dizer que a escatologia irrompe na história e a marca. Marcar a história é o de irrenunciável na expressão clássica de ressurreição corporal de Jesus para González Faus. O corpo é um centro de relações com o universo. A ressurreição corporal implica que todo esse conjunto de relações fica transformado por seu relacionamento com a vida de Deus. "A ressurreição não afeta só a Jesus. Ele já ressuscitou, mas Cristo ressuscitado é ainda futuro para si mesmo. A ressurreição marca a história no sentido de que a coloca para sempre sob esta norma que é sua norma definitiva.<sup>21</sup>"

<sup>17</sup> GONZALEZ FAUS, José Ignacio. *La humanidad nueva: ensayo de cristología*. p. 144.

<sup>18</sup> GONZALEZ FAUS, José Ignacio. *La humanidad nueva: ensayo de cristología*. p. 143-144.

<sup>19</sup> RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. 4.ed. São Paulo, Paulus, 2008, p. 315-316.

<sup>20</sup> GONZALEZ FAUS, José Ignacio. *La humanidad nueva: ensayo de cristología*. p. 144.

<sup>21</sup> GONZALEZ FAUS, José Ignacio. *Acesso a Jesus: ensaio de teologia narrativa*. p. 116.



A ressurreição de Jesus é realmente a realização do reino pregado por Jesus como iminente. É a realização daquela vida histórica de Jesus e é ininteligível sem ela. É entendida como o fim da história, o Reino antecipado e semeado nela, e como realização irrevogável da promessa. Irrevogável porque é o “já” da escatologia, a realização da promessa; e realização porque continua sendo promessa, o “ainda não” da escatologia. Nos Evangelhos percebemos a passagem do Jesus pregador ao Jesus pregado. Isso significa que a causa de Jesus passou a ser irrevogavelmente o próprio Jesus, ressuscitado. Enquanto confirmação da pretensão de Jesus, a ressurreição é também a confirmação da pretensão de quem é o homem<sup>22</sup>.

Também para Karl Rahner, a ressurreição de Jesus significa a permanência de sua pessoa e causa. Assim se une fé na ressurreição e conteúdo dessa fé<sup>23</sup>. Diante do caráter escatológico da ressurreição e de seu sentido profundo põe-se a questão de como podemos ter acesso à ressurreição de Jesus. Sobre isso queremos discorrer no próximo passo.

### 2.3 O acesso à fé na ressurreição

Segundo González Faus, a ressurreição, por pertencer à dimensão escatológica, é incognoscível e só é acessível se o ressuscitado decide comunicar-se. Por isso o NT fala de aparições-concedidas, *ophtê*. Para tal acontecimento só cabe o esquema aparição ou testemunho. No entanto, a natureza de tal evento vai além da capacidade do que é testemunhável por palavras humanas. Por isso, o testemunho dos primeiros discípulos, embora seja necessário, não pode ser um fator necessitante para a fé na ressurreição.

A pregação só tem caráter de convite, chamado, nunca de causa com a decisão de crer, no qual intervém outros fatores confluentes, sobrenaturais e naturais entre eles o conteúdo mesmo do testemunhado e a interpelação que a mesma ressurreição realiza por sua vinculação com a estrutura do homem como princípio esperança<sup>24</sup>.

Como acontecimento definitivo, escatológico, a ressurreição é intrinsecamente significativa. Nela coincidem fato e significado, conhecimento e fé. Para o homem histórico, a Ressurreição só pode ser crida. O Significado escatológico da morte de Jesus não é adicionado posteriormente, mas é intrínseco a ela. Na ressurreição não há ambiguidade

---

<sup>22</sup> GONZALEZ FAUS, José Ignacio. *Acesso a Jesus: ensaio de teologia narrativa*. p. 116-117.

<sup>23</sup> RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. 4.ed. São Paulo, Paulus, 2008, p. 317.

<sup>24</sup> GONZALEZ FAUS, José Ignacio. *La humanidad nueva: ensayo de cristologia*. 146.

e pluralidade de significados como nos fatos históricos, incluindo os milagres. Em relação a ela não há um testemunho neutro<sup>25</sup>.

A testemunha da ressurreição é também um crente [...]. Na ressurreição de Jesus, o fato e o significado coincidem: aceitar o dado "ressuscitou dos mortos para a vida escatológica de Deus" é aceitar essa fé na plenitude de sentido do princípio esperança. Não é possível reduzir a experiência pascal a uma pura visão objetual em univocidade com todas as nossas percepções visuais de um objeto<sup>26</sup>.

Nessa mesma direção, Rahner une a fé na ressurreição com a nossa esperança transcendental. De modo que um não à ressurreição de Jesus é um não à nossa própria esperança transcendental na ressurreição<sup>27</sup>.

Não cremos na ressurreição simplesmente porque alguém a testemunhou, mas nosso ato de crer situa-se diante de toda uma série de concausas que, "ao crer, se situaram de forma tal que se sustentam e se integram umas nas outras como as pedras de um arco que, por si só, nenhuma aguentaria o arco, mas, pela forma como estão situadas e imbricadas, o aguentam todas juntas sem que nenhuma o agente. Esse é arco da fé<sup>28</sup>".

Entre as concausas, destacamos: a transformação da vida das testemunhas que encontrarão plenitude de sentido para as suas vidas naquilo que anunciavam. O conteúdo do enunciado da testemunha, enquanto resposta oferecida à expectativa humana do princípio-esperança, a unidade do testemunho, o trabalho interior da graça em nossos corações, a Igreja com todas as ambiguidades. Mas, evidentemente, encaixar os dados não significa responder todas as questões<sup>29</sup>.

A fé na ressurreição de Jesus [...] equivale a afirmar que este dinamismo humano do princípio-esperança acontece num marco de plenitude de sentido e de coerência com tal dinamismo. Este marco é a realização da definitividade humana contra a morte e a injustiça na ressurreição de Jesus: creio (não "sei") que a morte e a injustiça, o sem-sentido, não tem a última palavra<sup>30</sup>.

Crer na ressurreição de Jesus só pode significar compromisso pelo Reino de Deus, anunciado e inaugurado por Jesus, e pelo hoje desse Reino. Na linguagem de São Paulo, viver como ressuscitados. No entanto, em primeiro lugar está o dom de Deus, não a ação humana. O dom de Deus cria o chamado e torna possível a resposta humana. Assim, podemos nos

<sup>25</sup> GONZALEZ FAUS, José Ignacio. *La humanidad nueva: ensayo de cristología*. p. 146.

<sup>26</sup> GONZALEZ FAUS, José Ignacio. *Acesso a Jesus: ensaio de teologia narrativa*. p. 120.

<sup>27</sup> RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. 4.ed. São Paulo, Paulus, 2008, p. 328.

<sup>28</sup> GONZALEZ FAUS, José Ignacio. *Acesso a Jesus: ensaio de teologia narrativa*. p. 121.

<sup>29</sup> GONZALEZ FAUS, José Ignacio. *Acesso a Jesus: ensaio de teologia narrativa*. p. 121-122.

<sup>30</sup> GONZALEZ FAUS, José Ignacio. *Acesso a Jesus: ensaio de teologia narrativa*. p. 119.

questionar: anunciamos a ressurreição de Jesus ou um mito piedoso? A fé na ressurreição de Jesus exige também uma resposta existencial.

## **Conclusão**

Não há dúvida sobre a centralidade da ressurreição de Jesus para a fé cristã. Embora seja difícil a fé na ressurreição, ela é constitutiva do cristianismo. Por isso, é fundamental pensá-la e mergulhar em seu conteúdo mais profundo nos tempos atuais. A ressurreição dá sentido maior e definitividade à vida de Jesus. Por isso, o Querigma se centra na morte e ressurreição de Jesus. Com ela, Deus acolhe toda a vida de Jesus e seu projeto. A ressurreição é um evento escatológico. É a entrada do homem no mistério de Deus. É uma vida nova a qual não lhe pertence as leis do espaço e do tempo. Também é a abertura da história à escatologia. Somos convidados a participar da ressurreição de Jesus (Rm 8, 18ss). Devido à natureza da ressurreição, nossa linguagem para falar sobre ela é sempre simbólica. Segundo o NT, o ressuscitado se dá a conhecer. As aparições são missionárias e com a experiência pascal se dá o nascimento da fé. Assim, se evidencia que a nossa fé na ressurreição se baseia na experiência com o ressuscitado, pois ele se revela dando-se a conhecer, e no testemunho dos apóstolos o qual é um convite para mergulharmos neste mistério de comunhão com Deus.

## **Referências**

- A BÍBLIA de Jerusalém. Nov.ed.rev. São Paulo: Paulus, 2010.
- DUQUOC, Christian. Ressurreição de Cristo. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004.
- GIBELLINI, Rossino. *A Teologia do século XX*. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- GONZALEZ FAUS, José Ignacio. *Acesso a Jesus: ensaio de teologia narrativa*. São Paulo, Edições Loyola: 1981.
- GONZALEZ FAUS, José Ignacio. *La humanidad nueva: ensayo de cristología*. 7.ed. Guevara: Sal Terrae, 1984.
- MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 2008, p. 193.
- RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2008.